

JORNAL DO BRASIL

Banqueiro suíço propõe que o Brasil pague dívida em francos

Brasília — Robert Holzach, chairman do Conselho Diretor da União dos Bancos Suíços, propôs ontem ao Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, mudar substancialmente o perfil da dívida do Brasil para com os bancos suíços, de 2 bilhões 500 milhões de dólares, convertendo-a em francos suíços e pagando parte dos juros e amortizações com bônus do Tesouro Federal e de empresas estatais, como a Petrobrás.

Esta solução é vantajosa para o Brasil e para os banqueiros — explicou Holzach, após um almoço com o Ministro Ernane Galvêas e o diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano. O Ministro Galvêas examinará a proposta, informou um de seus assessores, com o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, e o Ministro do Planejamento, Delfim Neto.

No início dos anos 70, o Brasil começou a lançar bônus no mercado internacional. Estão no mercado, segundo dados do Banco Central, 2 bilhões 800 milhões de dólares em bônus, sendo 300 milhões na Suíça. É um papel que serve para captar recursos junto ao pequeno investidor no mercado financeiro — onde a empresa ou o Tesouro Nacional emitem-nos, os bancos do país (no caso, da Suíça) subscrevem e depois revendem no mercado de capitais.

A proposta de pagar parte da dívida em bônus deve ser examinada com mais atenção

pelo Governo brasileiro, informou assessor de Galvêas. Através do lançamento dos bônus, o Brasil amortizaria parte da dívida suíça sem desembolsar reservas, mas a quantidade aumentaria a longo prazo por causa do deságio (diferença entre o valor real e nominal), hoje entre 20% e 25%.

Os bancos, por sua vez, recebem o bônus como pagamento e repassam-no para o mercado local, fragmentando o débito ao máximo. Como o pagamento desses papéis é tradicionalmente sagrado, os bancos suíços teriam uma garantia de que a dívida brasileira seria amortizada.

São cinco as vantagens sobre o atual sistemas de pagamento: 1) pagamento de juros fixos (7% no caso da Suíça); 2) os papéis são negociáveis, o que permite aos bancos concederem novos empréstimos ao Brasil; 3) pulverização dos credores; 4) o Brasil poderia programar seu fluxo de caixa, já que trabalharia com juros fixos; 5) menores taxas de riscos em novos empréstimos.

Já a idéia de converter a dívida em dólar para com os bancos suíços em dívida em francos apresenta a vantagem de ser corrigida com juros do mercado interno suíço, hoje em 7%. O risco é de ocorrer uma alta da inflação americana e perda relativa do valor do dólar diante do franco suíço.